

Abelardo da Costa Arantes Júnior
Giulia Pagliosa Waltrick Martins
Mariah de Lima Walendorff
Marta Magda Antunes Machado

QUATRO POR QUATRO

Crônicas para a
igualdade e a diferença

 editora **ufsc**

II Concurso Maura de Senna Pereira – Crônicas – 2020
Tema: Igualdade e diversidade.

QUATRO POR QUATRO

Crônicas para a igualdade e a
diferença

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor

Ubaldo Cesar Balthazar

Vice-Reitora

Catia Regina Silva de Carvalho Pinto

EDITORA DA UFSC

Diretora Executiva Interina

Flavia Vicenzi

Conselho Editorial

Agripa Faria Alexandre

Antonio de Pádua Carobrez

Carolina Fernandes da Silva

Evelyn Winter da Silva

Fábio Augusto Morales Soares

Fernando Luís Peixoto

Ione Ribeiro Valle

Jeferson de Lima Tomazelli

Josimari Telino de Lacerda

Luis Alberto Gómez

Marília de Nardin Budó

Núbia Carelli Pereira de Avelar

Priscila de Oliveira Moraes

Sandro Braga

Vanessa Aparecida Alves de Lima

Editora da UFSC

Campus Universitário – Trindade

88040-900 – Florianópolis-SC

Fone: (48) 3721-9408

editora@contato.ufsc.br

www.editora.ufsc.br

Abelardo da Costa Arantes Júnior
Giulia Pagliosa Waltrick Martins
Mariah de Lima Walendorff
Marta Magda Antunes Machado

QUATRO POR QUATRO

Crônicas para a igualdade e a diferença

© 2022 Editora da UFSC

Coordenação editorial:
Júlia Crochemore Restrepo

Capa e editoração:
pamalero artes

Revisão:
Monique Heloísa de Souza

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina

Q2 Quatro por quatro [recurso eletrônico] : crônicas para a igualdade e a diferença / Abelardo da Costa Arantes Júnior ... [et al.]. – Florianópolis : Editora da UFSC, 2022.

32 p.

E-book (PDF)

Disponível em: <https://doi.org/10.5007/978-65-5805-058-2>

ISBN 978-65-5805-058-2

1. Crônicas catarinenses. 2. Literatura catarinense. 3. Literatura brasileira. I. Arantes Júnior, Abelardo da Costa. II. Walendorff, Maria de Lima. III. Martins, Giulia Pagliosa Waltrick. IV. Machado, Marta Magda Antunes.

CDU: 869.0(816.4)

Ficha catalográfica elaborada por Fabrício Silva Assumpção – CRB-14/1673



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

br.creativecommons.org

Sumário

Apresentação	7
Gleisy Regina Bóries Fachin e Sandro Braga	
Bido: um herói, ou quase	15
Abelardo Arantes Júnior	
Mulheres	21
Giulia Pagliosa Waltrick Martins	
Naufração	24
Mariah de Lima Walendorff	
Caçador de si.....	27
Marta Magda Antunes Machado	
Sobre os autores	31

Apresentação

A Editora da UFSC (EdUFSC) já está há mais de 40 anos (completados em 30 de outubro de 2020) no caminho da publicação universitária (<https://editora.ufsc.br/>). No decorrer desses anos, consolidou-se no mercado editorial brasileiro, sendo reconhecida como uma das melhores editoras universitárias. Disponibiliza em seu catálogo mais de mil títulos publicados, entre novos, coedições, reedições e reimpressões (<https://livraria.ufsc.br/>).

A EdUFSC foi instituída pela Resolução nº 005/GR/80, de 30 de outubro de 1980. A resolução destaca a formação do Conselho Editorial e das Comissões Editoriais e designa como seu primeiro Diretor Executivo o professor João Nilo Linhares. Esse documento também apresenta a composição do primeiro Conselho Editorial, formado pelos professores Silvio Coelho dos Santos (Presidente), Carlos Humberto P. Corrêa, José Edú Rosa, Paulo Henrique Blasi, Rosa Weingold Konder e Walter Celso de Lima.

Em sua trajetória, a EdUFSC está na sétima gestão. É constituída, desde sua criação, em termos organizacionais, por um Diretor Executivo, por um corpo de servidores técnico-administrativos e pelo Conselho Editorial, formado por servidores, docentes ou não, das diversas áreas de conhecimento da UFSC.

A EdUFSC está regulamentada como órgão suplementar vinculado ao Gabinete da Reitoria. Em virtude disso, os processos administrativos, orçamentários e financeiros da Editora ficam a cargo da Direção-Geral do Gabinete da Reitoria. No que se refere à

sua composição, a EdUFSC é formada por uma Direção Executiva, designada por portaria do Reitor; uma Coordenadoria Editorial; uma Seção de Vendas e Marketing; e uma Seção Administrativa e Financeira. Caracteriza-se como uma editora universitária de pequeno porte e atua com recursos próprios e parcerias com demais órgãos da universidade, tendo como renda fixa a comercialização dos livros publicados, ou seja, pratica o ciclo de vender para publicar.

Desde sua fundação, a EdUFSC já publicou em torno de 1.180 títulos, entre eles: *Anatomia sistêmica: uma abordagem direta para o estudante*; *Anota aí! Pequenas crônicas sobre grandes questões da vida escolar*; *Filosofia da tecnologia: um convite*; *Família e política social: gênero, gerações e cuidado*; *Introdução à engenharia: conceitos, ferramentas e comportamentos*. Entre as traduções, tem-se: *A língua mundial: tradução e dominação*; *Homo academicus*; *As metamorfoses*; *Pierre Bourdieu: uma sociologia ambiciosa da educação*; *Técnicas de projeção estereográfica para geólogos e engenheiros civis*.

Seu maior produto é a Coleção Didática, que visa a dar conta das partes técnicas, práticas e operacionais das áreas do conhecimento, ultrapassando os limites dos cursos ofertados pela UFSC. Não se limitam às disciplinas ofertadas, com seus conteúdos programáticos, mas abrangem o conhecimento global e complementar necessário ao saber-fazer das ciências. Tal fato corrobora sua missão de “ser uma Editora Universitária que atende à demanda técnico-científica, acadêmica, literária e cultural da UFSC, assim como da comunidade em geral”. Com esse afã, a EdUFSC tem construído sua história em Santa Catarina e no Brasil com vistas à disseminação do conhecimento, por meio da publicação de obras de excelência técnica – tanto no que tange ao conteúdo quanto em relação aos aspectos de revisão, editoração e impressão –, cujos preços de capa são acessíveis aos estudantes e ao público em geral, cumprindo assim sua função social como editora de uma universidade pública federal.

Os aspectos históricos e as conquistas podem ser verificados no *site* produzido pela equipe de servidores da Editora da UFSC em comemoração aos 40 anos desta (<https://40anoseditora.ufsc.br/>). Nessas quatro décadas, a EdUFSC passou por diversas mudanças, e ao longo desses anos vem trilhando caminhos, adaptando-se às épocas e às inovações do mercado editorial. Desde março de 2020, mais do que nunca, tem se reinventado para superar os problemas diante da pandemia de COVID-19. Com esses desafios, voltou-se à disponibilização de *e-books* comercializados (<https://editora.fgv.br/vitrine/ebooks-editora-ufsc>), em padrão .pdf, e de *e-books* que podem ser livremente acessados (<https://editora.ufsc.br/estante-aberta/>).

Apesar dos percalços ao longo de sua história, as ações da EdUFSC estão orientadas para oferecer ao seu leitor obras com excelência e, principalmente, para zelar por seu selo editorial. Assim, foram criados os Concursos Literários, anualmente realizados, direcionados à comunidade catarinense, que visam à promoção e à disseminação da literatura produzida por autores catarinenses e/ou por aqueles que escolheram o estado para fixar residência.

A ideia dos concursos surgiu entre os anos de 2009/2010 devido à grande quantidade de submissões na área de literatura, em seus mais variados gêneros. Os diretores, na época, levaram o assunto ao Conselho Editorial, e, após estudos, foi proposta a criação de um concurso, a ser realizado anualmente, a partir de um gênero literário definido, em que fosse homenageado um autor cuja obra representasse o estado de Santa Catarina.

Em seus mais de 40 anos de atividades no mercado editorial nacional, com ênfase no catarinense, em especial na área de literatura, a EdUFSC lançou títulos de variados gêneros, entre os quais alguns estiveram presentes em vestibulares e concursos – muitos já esgotados, outros reeditados –, a saber:

Ecoss no porão, de Silveira de Souza, v. 1 e v. 2.
Este mar catarina, de Silveira de Souza, Salim Miguel e Flávio José Cardozo (org.).
Geração do deserto, de Guido Wilmar Sassi.
Império caboclo, de Donaldo Schüler.
O fantástico na Ilha de Santa Catarina, de Franklin Cascaes.
Nós, de Salim Miguel.
O detetive de Florianópolis, de Jair Francisco Hamms.
Os milagres do cão Jerônimo/Alçapão para gigantes, de Péricles Prade.
Singradura, de Flávio José Cardozo.

Entre esses e tantos outros (<https://livraria.ufsc.br/assuntos/1/literatura>), alguns formam séries ou coleções, e, aos poucos, conforme a evolução da Editora da UFSC, foram sendo incorporados em sua Coleção Geral. Com a ideia do concurso, surgida em 2009, procura-se manter regras básicas em cada ano – em especial, que os concursos realizados pertencem à esfera estadual e que qualquer pessoa natural ou residente em Santa Catarina há pelo menos dois anos pode concorrer. Entretanto, exclusivamente em 2016, o regulamento do concurso foi modificado para abranger candidatos de todo o país, em razão da especificidade da área – tradução de poesia – e do gênero literário, sempre discutido, planejado e aprovado pelo Conselho Editorial da EdUFSC.

Os concursos compreendem especificamente produções de literatura, dando ênfase ao gênero literário definido a cada ano. Além de atender à demanda da área, objetivam promover a literatura e os autores da UFSC, da comunidade em geral e do estado de Santa Catarina.

Não obstante, cabe ressaltar que a EdUFSC publica outras obras nessa área, como traduções e/ou autores renomados, desde que submetidas a esta casa e aprovadas pelo Conselho Editorial.

A premiação de cada concurso é a publicação da obra vencedora (no ano subsequente), projetando e divulgando o título

e o autor, cabendo à Editora a revisão, a diagramação, a capa e a divulgação.

Em 2009, o Concurso Literário EdUFSC 2009-2010 foi direcionado a contos e não teve ganhador. Os concursos seguintes foram:

2011 – Prêmio Salim Miguel de Romance

Vencedor: *Ao que minha vida veio...*, de Alckmar Santos.



2012 – Prêmio Rogério Sganzerla de Roteiros para Cinema e Teatro

Vencedor: *Suéter laranja em dia de luto/Não sempre*, de André Felipe.



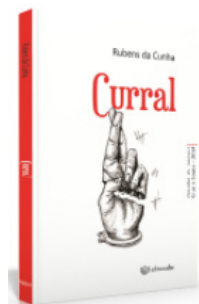
2013 – Concurso de Crônicas Maura de Senna Pereira

Vencedor: *Crônicas das cidades partidas*, de Jeana Laura da Cunha Santos.



2014 – Prêmio Cruz e Sousa de Poesia

Vencedor: *Curral*, de Rubens da Cunha.



2015 – Concurso de Contos Silveira de Souza

Vencedor: *Guia literário para machos*, de Caléu.



2016 – Concurso Cleber Teixeira de Tradução de Poesia (nacional)

Vencedor: *Poesia religiosa: antologia (The divine poems)*, de John Donne. Tradução de Marcus de Martini.



2017 – II Prêmio Salim Miguel de Romance

Vencedor: *Os mortos de abril: pequeno diário higiênico*, de Amílcar Neves.



2018 e 2019 – I e II Concursos Odília Carreirão Ortiga (Roteiros de Teatro e Cinema)

Devido à especificidade, não houve vencedores.

2020 – II Concurso Maura de Senna Pereira – Crônicas (publicadas neste volume)

Tema: “Igualdade e diversidade”.

Vencedores:

Bido: um herói, ou quase, de Abelardo da Costa Arantes Júnior.

Naufração, de Mariah de Lima Walendorff.

Mulheres, de Giulia Pagliosa Waltrick Martins.

Caçador de si, de Marta Magda Antunes Machado.

2021 – I Concurso Franklin Cascaes – Contos – Em processo

Tema: “Pandemia de COVID-19”.

Destaca-se que os concursos são realizados com a formação de comissões julgadoras constituídas de membros do Conselho Editorial, professores da UFSC, professores de outras universidades, especialistas na área do concurso e consultores *ad hoc*. Tal trabalho é executado sem remuneração, com o agrado de obras da própria Editora e uma declaração de participação. Além daquelas já divulgadas no regulamento de cada concurso, as demais decisões e ações são tomadas pela comissão. O resultado final é apresentado e homologado geralmente na última reunião anual do referido conselho.

Esta obra, em suas próximas páginas, contempla o Concurso Literário da Editora da UFSC do ano de 2020! Apresenta as quatro crônicas ganhadoras, cujo tema é “Igualdade e diversidade”. Ano de pandemia, de novos desafios, em que inovamos precisamente com a definição de um tema. E inovamos também ao lançarmos o presente *e-book* com acesso livre, seguindo um caminho de disseminação e de partilha de saberes e informações.

Dito isso, desejamos a todos uma ótima leitura!

Que a literatura catarinense seja sempre promovida e reconhecida como berço de grandes nomes, como Franklin Cascaes, Salim Miguel, Odília Carreirão Ortiga, Cleber Teixeira, Lindolf Bell, Cruz e Sousa, Silveira de Souza, Rogério Sganzerla, Maura de Senna Pereira, Rodrigo de Haro, Delminda Silveira, Alcides Buss, Eglê Malheiros e tantos outros que fazem de Santa Catarina mais bela e recontada!

Outono de 2021.

Gleisy Regina Bóries Fachin
Sandro Braga

Bido: um herói, ou quase

Abelardo Arantes Júnior

Ouvi um grito: era a voz de um homem irado. A voz vinha um pouco de longe, e mal dava para distinguir as palavras.

– ... seu vagabundo!

Logo apareceu, correndo, um rapaz escuro, precedido pelos latidos furiosos dos cachorros da vizinhança. O rapaz viu-me e hesitou um momento. Os cachorros lançavam-se contra as grades e os portões das casas, no paroxismo da indignação com o intruso.

Ele fez menção de dar meia-volta e retomar o caminho de onde viera, mas a voz irada continuava a bradar. Dava a impressão de aproximar-se. Foi então que, vindo da mesma direção, chegou outro rapaz, também escuro, que me olhou assombrado. Também eu fiquei surpreso. Eu conhecia o recém-chegado à confusão. Ele costumava jogar futebol com a gurizada das redondezas.

Abri o portão e disse para os dois entrarem. Não seria preciso repetir o chamado. Como um raio, os dois entraram e puseram-se atrás de mim, como se eu pudesse escondê-los. Seria uma tentativa vã. Um deles era magro, pequeno, mas o que eu conhecia era um pouco mais alto que eu, e bem mais corpulento. Fiz os dois passarem para a garagem, que oferecia um esconderijo mais seguro.

A voz irada sumiu. Os cachorros pararam de latir; já estariam de volta à sua tarefa constante de farejar uma insignificância ou outra. Meus dois visitantes também se acalmaram. Olhei para o mais velho, que era quase negro, de cabelo cortado rente, e tinha os pés descalços, como os de seu companheiro. Tentei descobrir o que estava acontecendo.

– Bido, que confusão é essa?

O Bido não era capaz de longos discursos, nem costumava perder tempo com explicações minuciosas. Quando falava, era incisivo.

– Aquele cara é um *istepô*. Fazendo essa barulheira por nada. E esse aí – indicou seu companheiro, com um gesto da cabeça –, esse aí é mais burro que um jumento. – Voltou-se para o outro guri, que se encolhia. – Tinhas que passar a mão naquela penca de banana, tinhas?

Depois de mais alguns impropérios e de negativas débeis, consegui saber o que acontecera – ou chegar perto dos fatos.

O menor estava vindo encontrar o Bido e passou por um homem que tirava as compras do carro. O homem fechou o carro e entrou em casa, levando as compras. Tinha ficado para trás uma penca de bananas, talvez caída de uma das sacolas do supermercado. O amigo do Bido passava por ali; e, como quem não quer nada, apanhou a penca e foi andando. Já tinha começado a mastigar uma banana quando ouviu a voz do homem, a berrar com ele.

– Seu vagabundo! Vou te ensinar a roubar, seu pilantra!
– O guri jogou a penca longe e saiu correndo. Mas o homem não estava interessado em recuperar uma mísera penca de bananas. Queria alcançar o atrevido que violava a paz e a propriedade privada. Queria que reinasse a ordem. – Vou te jogar na cadeia, seu ordinário!

O Bido tinha ouvido a gritaria. Juntou-se ao amigo desastrado, sempre a correr. Foi quando os vi.

Pensei que, passado algum tempo, o proprietário das bananas pararia de rondar a vizinhança. Até lá, eu guardaria a dupla tida como perigosa. Disse para eles entrarem em minha casa.

O menor olhava para os lados, intrigado. Era uma simples casa de classe média a minha: uma pequena sala, com um abajur, poltronas, uns poucos quadros de origem irrelevante. Na ponta do corredor estava a cozinha, com a geladeira e alguns outros aparelhos. Tudo aquilo – estou falando de meados da década de cinquenta, quando não se viam as construções espaçosas de hoje em dia – devia parecer banal aos olhos de qualquer pessoa acostumada a algum conforto, mas seria pouco menos que o palácio de Aladim aos olhos de um gurizinho do morro.

Abri a geladeira e tirei alguma comida. Quando nos sentamos, os três, à mesa da cozinha, o amigo do Bido olhou, maravilhado, para a cestinha diante de nós, que acumulava pães de trigo e pedaços de salame numa desordem que nada tinha de refinada. Dirigiu-me um olhar desconfiado e falou, hesitante, como se temesse um castigo:

– Olha, eu vou comer, hein?

Fiz que sim com a cabeça, contendo um sorriso. Talvez o Bido adivinhasse meu sorriso, e não estendeu logo a mão. Por fim, a vontade triunfou sobre a compostura, mas não de todo. Com um ar digno, como o de quem aceita um convite para não ofender, o Bido estendeu a mão para a cesta.

Ele nunca perdia a pose, o Bido. Como no lance meio cômico em que ele decidiu um jogo de futebol para o nosso time. Era um jogo difícil, no campinho de futebol do Abrigo de Menores, alugado para a ocasião mediante uma sofrida vaquinha. Vinha do mar, a poucos passos do campinho, um vento forte. No segundo tempo, o vento soprava a nosso favor.

O jogo já se encaminhava para o final, sempre no zero a zero, quando a bola foi rebatida desde nosso meio de campo, e a

defesa adversária demorou a se recompor. Nosso time atacou em massa. Como lateral-direito, eu apoiava o ataque, e pude ver de perto o que aconteceu. Com nossos dianteiros já na grande área, alguém passou a bola ao Bido, na meia-esquerda. O Bido gritou:

– Entra um!

Em seguida, levantou a bola sobre a área, para alguém finalizar em direção ao gol. Só que, sob o impulso forte do vento, a bola descreveu uma curva caprichosa e entrou, inapelável, na última gaveta, fora do alcance do goleiro.

Era uma partida difícil; esperávamos aquele gol há tempo. Quando o gol saiu, não sabíamos bem se festejávamos ou se ríamos das confusões do Bido. Ele, é claro, jamais se deixaria tolher por atitudes tão mesquinhas. Mais tarde, ouvi-o explicar o lance ao grupo de gurizinhos do morro que costumava acompanhá-lo aos campos de futebol, por certo para aprender com seu mestre.

– É uma nova jogada que eu inventei. Grito: “Entra um!”. A turma do outro time vem para a risca da área, para marcar nossos atacantes, e deixa o goleiro sozinho. Aí eu coloco a bola no ângulo. Não falha.

Olhei para aquele herói precário, com suas pequenas mentiras. Depois, anos depois, eu ouviria outras mentiras, outros logros, muito mais graves, retomados nas ideias ingênuas de meus concidadãos, ou na pompa do discurso oficial. Ouviria que somos todos iguais, que as oportunidades se abrem para todos, que...

Naquele tempo, essas noções ainda não tinham surgido, mas já em minha vida, ainda curta, como lateral-direito de um time de guris eu percebera que nem sempre o destino acompanhava a retórica do Bido. Sempre orgulhoso, ele enfrentava as rasteiras do destino. Se alguém reclamava de um passe errado, coisa que acontecia com certa frequência, ele afastava os berros do companheiro de time com uma observação desdenhosa.

– Estou guardando meu futebol para a Vila Belmiro.

Porque seu sonho, naturalmente, era jogar ao lado de Pelé, inspiração, modelo e *alter ego* distante.

Não havia nada de extraordinário nisso. Outros rapazes carregavam suas decepções como carregavam seus sonhos. Quem não carrega? Também nos campos de futebol, onde tudo parecia determinação e força, os rapazes esgrimiam seus projetos loucos. Marcar mais gols. Jogar no juvenil do Figueirense. Um ou outro pensaria em fazer carreira no futebol – mais pela fama que pelo dinheiro, creio.

A diferença era que, fora dos campos de futebol, depois dos confrontos entre os times de rua, eu e os outros guris do time – do glorioso Ilhéu, que tinha as cores do Figueirense e era o terror dos rivais, entre a Praia de Fora e a Praça dos Bombeiros – íamos apanhar livros e programas para o vestibular que se inscrevia, inevitável, num futuro próximo. Assim esperavam nossas famílias. Nosso lateral-esquerdo era filho de um professor de direito; eu mesmo era filho de um juiz. O goleiro era filho de um militar, e militar ele viria a ser. Um outro seria médico, outro... A lista era longa.

Fora da lista só estava o Bido. Sua família esperava dele alguma ajuda, para sustentar o pai doente e os irmãos pequenos. Ele ajudava, era certo. Como podia, conforme o papel que o destino lhe reservara – o que chamávamos então de destino, embora sua sorte mergulhasse as raízes no mundo em que vivíamos, não em alguma morada de deuses remotos. Mais de uma vez, cheguei a vê-lo carregar uma lata grandona, que teria servido para guardar cinco quilos de açúcar, ou de banha, mas então estava cheia d'água, e pôr-se ao lado de algum carro que nem em sonho seria dele. Munido de esponja e de panos, passava água e espuma sobre o carro, passava mais água, secava com cuidado a máquina que algum motorista de melhor ocupação lhe confiara. Às vezes, levava sua lata e seus panos diretamente para o campo de futebol, onde sonhava com os

grandes estádios, como por certo sonhava quando estava junto aos carros que eram seu ganha-pão e sua cruz.

Enquanto não completava o ataque com Coutinho, Pagão, Pelé e Pepe, o Bido distribuía seus passes tortos pelos campos de pelada da Ilha, desde os morros até a Ponte. Fossem os passes tortos, fossem os gols raros, nada disso impedia que ele visse os grandes estádios em seu futuro. Ainda não haviam construído o Scarpelli, e a Ilha tinha de se contentar com o modesto Adolfo Konder; mas, longe, em paragens fabulosas, brilhavam as luzes da Vila Belmiro, seu destino incontornável. Os mesmos gurizinhos que tantas vezes o acompanhavam e que assentiam com gestos de cabeça, silenciosos e solenes, quando ele explicava um novo passe, uma nova maneira de fazer gols, esses mesmos gurizinhos por certo viam, no futuro não muito distante, a carreira invencível do Bido, como viam o brilho dos estádios refletido nas páginas gloriosas dos jornais.

Mulheres

Giulia Pagliosa Waltrick Martins

Era o bafo dos primeiros verões, que levantava em fumaça lá longe o morro de asfalto. Calor pra caralho. Me aborreci por ter esquecido os fones de ouvido em cima da mesa, e remoía a dor de barriga e o cansaço do mundo, que não seria compensado pela solidão da música sozinha. Sentei-me no primeiro canto do ponto de ônibus, aliviada pela sombra azul do teto. Na minha frente, uma criança rodeou o poste, me olhou, se encolheu de costas e me encarou até eu me esconder atrás das minhas mãos pra ela abrir um sorriso. O que eu vi foi uma menininha dentro de um uniforme escolar uns bons números menor que seu tamanho, que abarrotava as dobras do corpo e fazia os cachos suarem nas bochechas negras.

Correu pra quem chamou de mãe e começou a cochichar pro alto, com os indicadores apontados. A mãe, sentada ao meu lado esquerdo, sustentava a cabeça no braço, e o braço, na perna, segurando entre os pés o rancho das muitas sacolas cheias de produtos de mercado e de coisinhas da criança. Beirando os 20 anos e nativa das pedras desta cidade, parecia incapaz, àquela hora da sexta-feira, de lidar com tanta curiosidade em movimento. Esboçava um afeto no rosto ao olhar a vida que aquela criança era, dançando com uma plantinha que encontrou ali perto. Um afeto que afundava os olhos no cansaço de quem quer o que não pode,

no cansaço infinito de quem sabia que, se tropeçasse e caísse, não se levantaria mais. Não com aquele monte de sacolas pra carregar, não com aquele dia de sexta-feira ainda por trabalhar, não com aquele ônibus que não chegava, não com aquela criança por alimentar.

Terminado o falatório, ficaram em silêncio. A filha tinha os olhos inquietos pra mãe. Eu já tinha me deixado das ansiedades da música esquecida. Percebi os olhos da pequena se virarem pra mim, e me chamou com a mão, encostando no meu braço.

– Moça. Olha pra essa nuvem andando aqui em cima. – Eu olhei. – Como é que chove?

Voltei a olhar pra criança, esperando que ela continuasse. Demorei pra entender que era uma pergunta, e não uma fantasia a ser descoberta; demorei pra vir com uma resposta.

– Tá muito preta, mas tem tanto sol hoje. E o céu tá tão azul. Como que pode chover se o dia tiver azul quente assim? – Falava animada e calma como se contasse as palavras, balançando as pernas que não chegavam ao chão. – E, pra mim, só chove perto do mar. O mar tem muita água, aí toda aquela água vai pra nuvem e chove. Mas sempre achei que isso só podia acontecer de noite, porque de dia o sol tá muito quente, e a água não consegue subir pro céu. E, se a água sobe toda junta do mar pro céu, por que quando chove só chove em um lugar, e não em todos os lugares ao mesmo tempo?

Ela havia terminado e me olhava devagar. Me pareceu mais uma poesia, essa vontade de dar nome e cor e tamanho e sentido pro que se vê. Não queria iludi-la com certezas à pronta-entrega longe das suas não certezas inventadas. Respondi. Falei sobre a água, o sol, o vento e a nuvem serem um ciclo. Ela pareceu achar que aquilo também fazia muito sentido. A mãe me sorriu com a mesma profundidade de antes e disse:

– Viu, filha, a moça é inteligente, tem cara de quem faz universidade.

Naquela hora, eu olhei pro chão. Quis dizer muita coisa, mas não disse nada. Injusto eu responder, injusto a mãe não saber responder. Injusto e impotente e pretensioso e inaceitável.

Conversamos, nós três. A pequena falou que também queria ir pra universidade. Queria saber mais. Me respondeu que estudava na escola ali descendo a rua, que no ano seguinte iria pra primeira série. Tinha cinco anos. Falei que a professora logo, logo ensinaria bem direitinho como a água sobe pro céu e chove, mas que ela não deixasse de achar coisa pra não entender. Voltou a brincar de esconde-esconde com outra pessoa que esperava. A mãe me suspirou o ônibus, que já atrasava meia hora, e os horários do trabalho, que não eram os mesmos da escola, e a filha que não sossegava, e a falta de mãe pai irmã e marido, que nunca teve pra ajudar a carregar umas sacolas, e a semana que não acabava, e a exaustão da cabeça e braços e pernas, que não a deixava brincar com sua pequena...

– Solidão de mãe – disse. – Tem tanta vida pra pesar nos ombros.

A filha voltou, escalou-a pelas coxas e se aninhou no colo. Começou um cafuné na criança com uma das mãos, e com a outra apoiava a cabeça pra descansar os olhos. No pouco que descansou, o cotovelo escorregou e derrubou seu queixo, como num golpe da tristeza a lhe mostrar que também era menina e que ali não tinha um outro colo pra ela.

Meu ônibus chegou antes do delas. Não demorou muito, o céu molhou, revirou, engrossou, empreto e choveu, e como choveu.

Naufrágio

Mariah de Lima Walendorff

Em Florianópolis é assim: o clima sempre se encontra tão instável quanto as pessoas. Não se pode ter certeza se vai chover de tarde caso faça sol pela manhã, muito menos se aqueles que parecem bons realmente o são; por isso, o cidadão logo fica astuto na arte da dedução. Pode ser meio difícil compreender o que é dito pela fala curta e rápida do manezinho, mas os olhares – ah, os olhares –, eles não enganam, porque o que esse povo tem de expressivo nas palavras mais ainda demonstra na maneira como age.

E é em dias normais como este que mais encontramos à mostra a essência desta “capital europeia no Brasil”: céu aberto, clima abafado, e o centro da cidade lotado de corações aspirantes e ansiosos. As lojas carregam suas tão fadadas fachadas, que recebem os gritos dos comerciantes e o burburinho dos compradores logo às 8h – junto de outros pontos de venda com menos estrutura e menos gritos, mas com a mesma finalidade: o sustento. São trabalhadores senegaleses, ou de outros países africanos, e haitianos, pessoas que tentam, em meio ao “mar branco” desta ilha, não se afogar.

Nesse naufrágio, a guarda municipal brota, e esses trabalhadores correm – não deveriam, mas precisam. Precisam porque não possuem fachadas, nem a cor que os legitimaria; porque caso contrário perdem seus produtos e têm sua dignidade ameaçada, na mira dos “cacetes”. Antes era uma viatura, depois duas, três, quatro, cinco – o Centro se tornou uma praça de guerra, e eu, que achava que veria esse tipo de coisa apenas nos livros de história, pude me deparar com as palavras saltando do papel. O que não faz sentido é tanto carro, tanta arma e tanta força pra tão pouca gente sem carro, sem arma, e que não demonstra o menor uso de violência; o que não faz sentido é quando os jogam no chão, encurralam, inibem e gritam “NÃO!” em meio ao silêncio e à dor de quem, desde que chegou aqui, pouco recebeu “SIM!”.

A raiva é expelida, jorra, os comerciantes e compradores param nas portas, e uma típica família manezinha passa, alegre, os pais tampando os olhos e os ouvidos de seus filhos menores enquanto viram o rosto para o lado ou se escondem atrás dos óculos escuros que não combinam com o céu, agora nublado. Alguns minutos antes, ele se encontrava aberto, e o casal escolhia pares de tênis para esses mesmos filhos, que tinham gostado de um modelo que o senegalês, agora algemado, vendia; mas por hora apenas seguem sem questionar, afinal, “é a autoridade que manda”, e eles “nada tinham a ver com a situação”. Então ouço os burburinhos voltando, as portas das viaturas se fechando, e aqueles olhares de um povo tão expressivo se desviando de uma só vez.

Moradora antiga que sou, já havia deduzido aquele cenário, mas esperava um pouco mais: achei que veria no mínimo algum olhar de descrença, de negação; não os tive, pois, assim que me virei, todos já haviam ido embora e seguido para “mais um dia normal em Floripa”. É em dias normais como este que a chuva cai e os passos se apressam ainda mais, deixando como único vestígio da xenofobia, do racismo e da violência um tênis falsificado de

uma marca qualquer, tão pisoteado, ignorado e humilhado quanto aqueles que há meia hora os ofereciam em troca de sua vivência na tão famosa “Ilha da Magia”.

Caçador de si

Marta Magda Antunes Machado

Para Max A. Gonçalves Neto

Caminhamos por várias ruas na tarde escaldante de um verão singular. Eu o tinha conhecido algumas semanas antes. Passeávamos com o pretexto de trocar ideias sobre a vida, fazendo o que aventuram as pessoas ao se aproximarem afetivamente. A caminhada seguia-se a um almoço agradável e breve. Não tínhamos causa para pressa. Porém, a refeição havia se dado sem demora. Terá sido a indagação que lhe fiz sobre a sua família? Talvez. A sobremesa poria fim à pergunta e à dúvida. Depois dela, só nos restou deixar o restaurante self-service sem mais.

Havia dois dias, ele tinha me telefonado para combinar o encontro. Agora, com ágil retórica, parecia alimentar o clima de paquera das últimas semanas. Seria um galanteio de estio?, eu chegara a refletir, admirando a habilidade falante do sujeito. Uma presença sedutora de risos, gentilezas, papos e suspiros. Fiz-me atenta às frases sugestivas enquanto o ouvia dizer que me adorava ter ao seu lado, e se sentia muito feliz. Cálido dia especial, ele conversava sem parar, e sem parar andávamos por antigas vias estreitas do bairro central da Ilha de Santa Catarina, no coração da cidade.

Como fosse muito o calor – naquele janeiro então superaquecido por troca de olhares, toques de mão e brincadeiras –, de súbito, ele sugeriu que bebêssemos um chope. Sentamo-nos à mesa de um bar em local badalado do Centro. Era quase o meio da tarde, e aí o calçadão estava lotado. Outros passantes haviam colocado em prática o mesmo desejo de se refrescar. E lá estava eu, de frente para o jovem homem bronzeado, cuja pele contrastava com os cabelos brancos muito lisos e crescidos, os braços tatuados e um corpo esguio. Tornar-se-ia um acontecimento e tanto. Extraordinário. Não exatamente pela estação quente, pelas palavras gentis e pelo chope estupidamente gelado. Mas por isto que ali se revelaria numa prosa surpreendente.

– Você conhece as plataformas de relacionamento *Tinder*, *Badoo* e *Happn*? – perguntou-me ele, em tom ressabiado.

Respondi como alguém que vive em outro planeta:

– O que é isso? Do que mesmo você está falando???

Da bebida não poderia ter vindo uma resposta minha tão alienada, pois estávamos apenas no primeiro caneco. Ele deu uma gargalhada e disse que me explicaria tudinho. Claro, discurso era o seu forte. E começou a detalhar o que seriam as diferentes maneiras de buscar, identificar, classificar, procurar, encontrar e se encontrar com alguém por meio de “plataformas de relacionamento na *World Wide Web*”.

Uma espécie de banco de dados virtuais para gestão de encontros interpessoais. O que eu simples e grosseiramente chamei, em pensamento, de “caça”. Pus-me em ouvidos à descrição minuciosa do moço quanto à especificidade de cada *app* para um tipo de “perfil” nos *sites* de busca de pessoas. De gêneros. Seria assim um simulador de semelhanças e de diferenças virtuais para aproximar gêneros, um *top* da contemporaneidade. Eu boiava cada vez mais nas ondas espumosas do chope – àquela altura, muito providencial, sim, senhor! Resolvi pedir o segundo copão.

À medida que o relato dele crescia, aumentava em mim a convicção de que éramos muito diferentes. Eu jamais procuraria um *site* de relacionamentos; jamais faria um perfil nesses termos; não precisava também de bebida alcoólica para revelar segredos de gênero; e eu não tinha, de fato, um grande segredo para contar, além de não me importar com características físicas e de aparência para me sentir liberal.

Aliás, o que para mim eram modos atuais de um individualismo socializado fazia parte mesmo das razões pelas quais eu nunca me interessaria pela propaganda ora interpretada por ele sobre como achar alguém com a ajuda de aplicativos em variados ambientes virtuais. Eu falava de vida e direitos sociais. Ele falava de sobrevivência e formas individuais. Não que isso fosse motivo para maiores incompatibilidades. Não fossem os detalhes.

O terceiro caneco de chope faria descer o líquido fresco como uma cachoeira a inundar a garganta seca. Havia mais. E eu já estava achando tudo aquilo simplesmente incrível. Queria ouvir o “mais”. Com algumas preliminares manobras frasais, ele disse finalmente:

– Eu sou homem, tá? Mas sou aberto a todos os gêneros. Num mundo normal, eu me casaria com você.

Eu sorvi rápida e atabalhoadamente o resto de cerveja. Acabou. Pedi o quarto chope. Agora para lavar a alma. Vi desenharem-se as vicissitudes do imponderável das relações humanas pelo gesto generoso dele de narrar diferenças, de apropriar-se delas e de tentar mover-se por elas. Vi a precisa força das experiências diversas e vi o quanto nos assemelhávamos pelos machismos vigentes. Quem disse a ele que eu queria me casar? E com ele? O que seria o normal? E o anormal? Ou talvez mais adequadamente o não normal? Num arroubo de pensamentos, preferi calar.

Afinal, eu realmente me sentia encantada pela indescritível surpresa do que ali se afigurava. Ele tinha todos os gêneros? Ou não teria nenhum? Estaria à caça de si mesmo? Difícil supor em

hora tão quente. Propus mais um caneco. Brindamos o quinto. O derradeiro daquele vespertino calor. Terminava ali uma meteórica paquera. E iniciava-se uma franca amizade. Enquanto bebíamos, eu repeti despreziosamente uma frase lida algures: “De perto, ninguém é normal”.

Sobre os autores

Abelardo da Costa Arantes Júnior nasceu em Santa Catarina, em 1942. É diplomata de carreira. Serviu nas embaixadas do Brasil em Viena, Varsóvia, Londres, Moscou e Cidade do México; com missões transitórias na Irlanda, China, Japão, Nicarágua e Angola, entre outros países. Foi cônsul-geral em Boston e embaixador em Islamabad. É bacharel em Direito, licenciado em História, mestre em Artes Liberais e doutor em Relações Internacionais. Pulicou *Cruz do Campo* (romance, Prêmio Cruz e Sousa) e *A passagem do neoestalinismo ao capitalismo na União Soviética*.

Giulia Pagliosa Waltrick Martins é graduanda em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Integra o Núcleo de Pesquisa e Extensão em Sociologia do Direito (SOCIODIR), no qual, desde 2018, desenvolve pesquisas na temática “Direito e neoliberalismo”. É também membro do Corpo Editorial da revista *Avant* e atua no Serviço de Assessoria Jurídica Popular Universitária (SAJU) da UFSC.

Mariah de Lima Walendorff nasceu em Florianópolis. Atualmente, cursa Direito na UFSC e se dedica à leitura, à escrita e à sua formação acadêmica. Atuou nos projetos “Procura-se um Leitor” do CA-UFSC sobre escrita criativa e “Fazer docente durante o ensino não presencial no CA-UFSC” na área de Sociologia. Contribuiu para a antologia de poemas *Livres somos versos*, pelo grupo Confraria Literária, e para o livro de contos *Em cada canto um conto: histórias de nós*, em parceria com a Biblioteca Universitária da UFSC.

Marta Magda Antunes Machado nasceu em Florianópolis, em 1962. Doutora em Antropologia pela UFSC. Escreve contos, crônicas, historietas para crianças, composições musicais e poesias. Publicou *Dona*

Fulana morreu e levou consigo tudo que aprendeu?, parceria com a fotógrafa Virginia Maria Yunes, sobre benzedeadas e benzedores na Ilha de Santa Catarina, e *Encontros*, conto publicado no jornal *Ponto de Fuga*, em parceria com a fotógrafa Andrea Eichenberger e o arquiteto urbanista Gustavo Andrade, sobre a Ponta do Coral.

Este livro foi editorado com as fontes
Minion Pro e Roboto. Publicado *on-line* em:
editora.ufsc.br/estante-aberta

Este livro reúne as crônicas vencedoras do II Concurso Maura de Senna Pereira – Crônicas, realizado no ano de 2020 pela Editora da UFSC, com o tema Igualdade e Diversidade.